

1º. CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE FÍSICA E DESENVOLVIMENTO HUMANO
 14º CONGRESSO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
 JUNDIAÍ -03 A 05 DE JUNHO DE 2010.

AOS INVENTORES EM EDUCAÇÃO FÍSICA : UMA FALA FILOSOFANTE

(NÃO ACEITO)

“Não se é inventor por decisão; é encontrando a posição de inventar que nos tornaremos inventores” (Ernst Jünger)³⁶⁷

INTRODUÇÃO

Passar pelos portais dos eventos acadêmicos, ultimamente, está sendo uma corrida contra obstáculos nem sempre reconhecidamente acadêmicos, a não ser que se inclua nesta categoria as formalidades editoriais. Em geral, o obstáculo universal é a padronização da apresentação, dependendo do trabalho, no caso este que está sendo elaborado, é fatal.

As normas padronizantes, tudo indica, estão sob a responsabilidade de uma editora. É o conforto da terceirização! Neste sentido os trabalhos devem ser, inexoravelmente, enquadrados segundo o formato de editoração. Assim, quem produz o trabalho precisa, para encarar os obstáculos, conhecer as regras de formatação de um texto, artigo, resumo, resumo expandido ou similares.

Para não ser demasiadamente enfadonho vou citar parte das normas para o envio de trabalhos começando pela métrica em centímetros das margens, número de páginas, início de parágrafos, espaçamento entre linhas; continuando com as citações, as referências, os autores; e, por fim, chegando às inscrições, às vias de acesso e aos valores de investimento (eufemismo de pagamento). Isto é suficiente para acentuar a simbologia de obstáculo. Entretanto, quando se clica sobre cada item, nenhuma informação sobre os possíveis temas a serem contemplados pelos participantes. Estes estão ainda na mente dos organizadores, isto a menos de um mês do prazo de entrega dos trabalhos.

E, quando, por alguma ousadia, a exemplo de Ulisses que, com artifícios míticos, burlou a vigilância do ciclope Polifemo, se consegue superar um obstáculo, nada está assegurado. A sabedoria da comissão científica pode exarar a seguinte sentença: “Esta comissão científica reconhece o valor do mérito dos trabalhos, no entanto não vê como enquadrá-los no perfil de trabalhos apresentados neste Congresso, razão pela qual não recomendamos a aceitação”³⁶⁸. Dois pontos a sublinhar. O parecer, inicialmente, reconhece “o valor do mérito dos trabalhos”. (Eram dois). Num segundo momento, afirma que “não foi possível enquadrá-los” O que confirma o que foi exposto acima sobre as normas formais. Por fim, uma observação, ainda que de secundária importância, de ordem gramatical. O parecer é redigido em terceira pessoa. Assim, os verbos, reconhece e (não) vê (terceira pessoa do presente do indicativo), tem como sujeito, corretamente, a comissão científica. Entretanto, a conclusão é redigida na primeira pessoa do plural (não) recomendamos. O sujeito, pelas regras de concordância entre sujeito e verbo, não pode ser a comissão científica. Ou, esses, que não

³⁶⁷ Jünger, Ernst. In Maffesoli, Michel. Elogio da Razão Sensível. P. 199.

³⁶⁸ Correio Eletrônico. Abril de 2006

recomendaram, não fazem parte da comissão científica?

O ponto mais intrigante diante de todas essas preocupações normativas, nenhuma palavra sobre os critérios de avaliação e, mais grave, as credenciais da comissão científica ficam ocultas. Melhor recorrer a fatos. É verdade que, neste caso, não se pode generalizar. Entretanto, esses fatos, embora pouco conhecidos, são mais frequentes que as moscas brancas. Um exemplo. Há algum tempo, um professor titular com excelente titulação acadêmica, credenciado para orientar pesquisas em instituições nacionais e internacionais, com reconhecida produção intelectual, escreveu e enviou um trabalho para uma revista nacional. Foi recusado. A recusa poderia não causar estranheza. Poderia ser normal se o parecer não apresentasse o seguinte argumento: no trabalho não havia citações de um autor que, no Brasil, segundo palavras do parecerista, mais escreve sobre o assunto abordado no referido trabalho. Acontece que o autor citado, que mais escrevera e publicara sobre o tema, é, exatamente, o autor do trabalho recusado³⁶⁹.

Os fatos, todos eles, podem ser interpretados diferentemente.³⁷⁰ Cada um pode fazer sua interpretação. Aqui, apresento uma, que assino. O sábio parecerista deve ser daqueles que avaliam um texto pelo número de citações. Uma reflexão original assusta. Além disso, os escritos, que deveriam ser citados, provavelmente, não eram muito familiares, caso contrário poderia ter percebido a vinculação entre o artigo e a obra geral do autor.

Para completar esse comentário vou recorrer, mais uma vez, a uma crítica, para alguns, muito pertinente, e, para outros, injusta e polêmica do professor Galeno Vellinho de Lacerda que, numa de suas palestras, afirmou “hoje, quem nos indica e identifica os alunos – (podiam ser os artigos) – é a frieza da máquina, através de um processo de seleção uniforme e massificante”.³⁷¹ Seguindo no mesmo raciocínio. Os parâmetros das ciências servem também como critérios de avaliação da produção científica comparados ao mitológico Leito de Procusto, como afirma Jesus Djalma Pécora: “Na USP-Procusto, os professores devem ser pesquisadores e a produção de papers internacionais Qualis A é o tamanho da cama”.³⁷² Gaston Bachelard, estudioso crítico das ciências sublinha que “Hábitos intelectuais que foram úteis e salutareos podem, com o tempo, entravar a pesquisa”³⁷³. E, citando Bérqson, ele acrescenta: “Nosso espírito tem uma irresistível tendência a considerar como mais clara a idéia que lhe serve mais frequentemente”³⁷⁴.

Em geral, estas atitudes ocorrem quando se tem a crença de que uma questão deve ter uma única e definitiva resposta, claro, científica e da cientificidade empírica moderna. Crença que é ironizada por Umberto Eco, em *O Nome da Rosa*, ainda que aqui parodiada, através deste diálogo entre Adso e Guillaume:

- Então não tendes uma única resposta para vossas perguntas?
- Adso, se a tivesse ensinaria teologia em Paris.
- Em Paris eles têm sempre a resposta verdadeira?

³⁶⁹ O autor do trabalho é o professor Dr. Elenor Kunz da UFSC.

³⁷⁰ Um exemplo, ainda que em forma de piada e adaptada ao momento. Conta-se que o Papa, em visita a Cuba, foi brindado por Fidel Castro com um passeio de lancha em frente a Havana. De repente sopra uma lufada de vento, e lá se vai o solidéu do Papa. Fidel, incontinentemente, se lança ao mar. Surpreendentemente, percebe que não afunda e pode caminhar sobre as ondas. Evidentemente, o fato repercute na imprensa. Manchetes:

O jornal Gramma de Moscou: FIDEL É DEUS.

O Observatore Romano: MILAGRE DO PAPA.

The Miami Herald: CASTRO NÃO SABE NADAR.

³⁷¹ Lacerda, Galeno Vellinho de. Polígrafo.

³⁷² Pécora, Jesus Djalma. Correio Eletrônico. Internet.

³⁷³ Bachelard, Gastão. Epistemologia, Rio de Janeiro, Zahar Editores. 1977. P.148.

³⁷⁴ Idem. Ibidem. Para completar a idéia conferir p. 147 a 161.

- Nunca, disse Guillaume, mas são muito seguros de seus erros³⁷⁵.

A OUSADIA DE INVENTAR

Depois desta introdução pouco convencional e cientificamente suspeita, pode-se alimentar a ousadia de falar aos inventores sobre os caminhos das invenções em educação física. Não se trata de propor a invenção da educação física, mas de dedicar-se à inventar em educação física, da mesma maneira que se inventa em outras áreas do saber como física, química, biologia, medicina, psicologia, pedagogia, etc.

Para ser mais claro, é bom lembrar a citação inicial de Ernst Jünger, apresentada como exergue, e adotada como bordão desta fala filosofante. Numa interpretação livre, conclui-se que Jünger avisa que um inventor não surge por decisão, mas assumindo a posição de inventor. Portanto é a posição, e não um decreto, que nos torna inventores. Continuando a explicação didática, dirigida, especialmente, a quem privilegia o manuseio dos fatos em oposição ao raciocínio abstrato, torna-se obrigatório recorrer ao que disseram os estudiosos e analistas da obra fotográfica de Henri-Cartier Bresson: Bresson fotografava o “*momento decisivo*”. E ele conseguia detectar esse momento decisivo, porque “*ele sabia ver*”. E para saber ver, é preciso que o espectador consiga perceber o momento de se fazer presente. Descobrir o “*ponto luminoso*” de uma realidade opaca. E isto pertence ao poder da intuição. Há aqueles que pensam que, valendo-se de altas tecnologias, podem intervir na realidade, mas lhes falta a capacidade de ver o “*momento decisivo*” que exige sua presença, seu olhar intuitivo. Cristiano Mascaro, um discípulo brasileiro de Bresson, disse: “Se você vê, você tem a imagem, seja com uma digital, uma analógica ou uma lata de leite ninho furada”.³⁷⁶ Os inventores sempre praticaram a arte de fotografar Bressoniana ou, se quisermos, de apreender o “*momento decisivo*”. O momento decisivo não é todo o real, mas, como dizem as palavras, é o instante em que a manifestação atinge um alto grau de expressividade, capaz de registrar os antecedentes e os conseqüentes, a exemplo do que fizeram os estudiosos do Moisés de Miguel Ângelo, ou os seguidores de Galileu Galilei, que descobriu o novo alfabeto da escrita do universo.

Escutando estas palavras parece que se pode concluir com essa pergunta: Inventar, em educação física, pode se inspirar na arte de fotografar? Sem dúvida. Basta ter capacidade de ver, de estar presença e de olhar intuitivamente. É importante observar que não é a fotografia que faz a realidade, nem a realidade objetiva (opaca) faz a fotografia, mas a expressividade da manifestação daquele momento sob o olhar de quem está presente e vê.

Todos os grandes inventores da humanidade, isto é, aqueles que desenharam um novo paradigma, começaram por “*explicar*” a origem do universo e da humanidade. Daí surgiram as grandes mitologias, entre elas, a bíblica. As mitologias se constituíram no referencial único para cada povo estabelecer sua identidade e seu processo de desenvolvimento. Não fica difícil, para quem conhece a história e a erroneamente dita pré-história, reconhecer esta fundamentação mitológica das sociedades antigas. Para a sociedade moderna ocidental a ciência ocupa o lugar das mitologias. O paradigma da cientificidade moderna está na raiz e na condução do processo globalizante. Nada escapa ao projeto das ciências modernas.

O que interessa, neste momento, é sublinhar o papel do inventor e a função da invenção. O inventor é aquele que rompe com o paradigma vigente e busca outra fonte de construção de outra

³⁷⁵ Eco, Umberto. Apud Maffesoli, Elogio da Razão Sensível. Petrópolis. Editora Vozes, 1995. p. 25

³⁷⁶ Entrevista à Carta Capital, 11.08.2004 p. 21.

forma de compreender o mundo, senão na totalidade, pelo menos parcialmente, mas que poderá se estender a todas as instâncias. Para ser sucinto, é suficiente tomar como exemplo a física. A física, desde a explicação grega, repousava sobre a teoria que o movimento estava vinculado à natureza dos corpos. Aliás, para eles, cientistas gregos, todos os fatos deveriam ser explicados pela natureza. “O agir segue o ser”. Com as descobertas da lei da gravidade, da relatividade e dos quantas, a física passou por sucessivas transformações e, certamente, não parou.

É óbvio que o conhecimento, seja mítico ou científico, enquanto compreensão e explicação do universo, está na base de todas as organizações humanas. Assim, toda invenção, aquela que redireciona o processo de produção do conhecimento, é responsável por uma nova época histórica, que pode afetar apenas um povo ou se estender para outros povos; pode restringir-se a uma ciência, a uma corrente filosófica ou às artes em geral. O importante é sublinhar que toda inovação, em qualquer setor, começa, segundo Jacques Ellul, por um ato fundador. No ato fundador está toda a energia de implantação da nova comunidade histórica.³⁷⁷ Exemplos não faltam. Na história, uma das tradições ocidentais mais antigas, relacionada ao povo hebreu, tem, como ato de fundação, a promessa da Terra de Canaã. Este ato de fundação, ainda hoje, é invocado como legitimação do atual Estado de Israel. Nas ciências, na filosofia, na sociologia, nas artes, etc. há inúmeros exemplos. Lembremos que a proclamação, feita por Galileu, de que o universo é o livro das ciências, e não os livros sagrados, transformou-se no ato fundador da cientificidade moderna. Todas as ciências modernas, cada uma em sua especialidade, continuam lendo e relendo o universo através de paradigmas constantemente revisados, mas sempre mantendo o eixo científico da modernidade. Nesta esteira, para complementar, Renné Descartes anuncia que a Razão humana é a única faculdade capaz de construir todo e qualquer conhecimento verdadeiro.

Diante do exposto é preciso sublinhar dois pontos que fazem parte do ato fundador. O primeiro é o objeto ou o fato que o inspira. No caso de Galileu é o universo em substituição ao livro sagrado. O segundo está no método de acesso a este objeto. Permanecendo com Galileu. Ele estabeleceu que o universo deve ser lido através de modelos matemáticos e geométricos. Não são mais a revelação e a ação divinas que fundam a verdade do conhecimento, mas a razão humana. E a racionalidade continua sendo a toda poderosa faculdade para guiar as atividades humanas.

As ciências humanas, entretanto, tentam resistir a esse ato fundador das ciências modernas especialmente no que se refere ao método. O fundamento para essa resistência está no reconhecimento de que os seres vivos, entre eles os humanos, não se submetem às lógicas da racionalidade matematizada e geometrizada. É verdade que se trata de uma resistência heróica que, apesar dos esforços, frequentemente, não consegue mostrar que as humanidades merecem um espaço, não tanto como ciências, mas como despertadoras de consciências e de reflexões éticas sobre o destino da humanidade nas mãos das ciências.

Muitas coisas poderiam ser trazidas aqui, mas é preciso estabelecer limites. Neste sentido é fundamental fazer uma referência a uma situação que acompanha o controle dos resultados do ato fundador por um grupo. Um simples olhar sobre a hegemonia das ciências modernas é suficiente para comprovar esse fato. Ninguém duvida que as ciências mantêm um domínio absoluto sobre os rumos do desenvolvimento da humanidade. As ciências hegemônicas de cada época excluem automaticamente todos os saberes alternativos e combatem as tentativas de novos paradigmas.³⁷⁸ O

³⁷⁷ Ellul, Jacques. *Le rôle médiateur de l'idéologie*. Paris, Aubier, 1973, p. 335-354.

³⁷⁸ Franciscola Varela, em seu livro *Conhecer*, escreveu: “Cada época da história da humanidade produz, pelas suas práticas sociais quotidianas e pela sua linguagem, uma estrutura imaginária. A ciência é uma parte integrante dessas práticas sociais...” p. 9.

primeiro exemplo paradigmático foi, certamente, o de Sócrates (470 a 399 a.C), condenado à morte por corromper a juventude ensinando novos “deuses”, isto é, novas teorias³⁷⁹. Os hereges do tempo da Inquisição, hoje, não são mais tão hereges. A teoria do evolucionismo e a tabela do sistema periódico dos elementos de Mendeleieff, não só não assustam, mas se tornaram referências para as ciências. Seria imperdoável, para completar essas referências, deixar de lembrar Galileu (1564-1642), que convidou alguns filósofos para verem as luas de Júpiter em seu telescópio e responderam que, se Aristóteles não falara das luas, então elas não existiam. Por pouco ele não foi condenado a morrer na fogueira, acusado de heresia. Einstein foi condenado por matemáticos de sua época. Einstein continua Einstein, e os matemáticos, protetores do paradigma vigente, ficaram anônimos.

Romper com esse paradigma é uma tarefa que exige muita persistência. Um autor, apenas como referência, que falou da necessidade de mudar paradigmas foi Thomas S. Kuhn, em sua obra, *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Isto não evita os embates teóricos entre os inovadores e os defensores do status quo.

Por isso, não é só a rigidez do paradigma vigente que dificulta o surgimento das mudanças, mas também a resistência da uma comunidade científica que controla e protege a cientificidade oficial. Neste espaço, mais político que científico, entram em ação as instituições acadêmicas, políticas, sociais e econômicas com o poder de definir o que é científico e o que não é científico; quem faz pesquisa científica e quem não faz; quem avalia e, por fim, quais os meios credenciados para a divulgação. Não é preciso lembrar os recentes “balões” de revistas consideradas acima de qualquer suspeita.

AOS INVENTORES EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Chegou a hora de falar aos inventores, isto é, aos que procuram a posição de inventar em educação física. Ou, a exemplo de Bresson, aqueles que perseguem o momento decisivo das manifestações do real. Como fizeram Newton, Darwin, Freud, Einstein e tanto outros inventores.

Caso seja indispensável criar uma atmosfera científico-filosófica, a Fenomenologia de Husserl poderia colaborar para preencher tal requisito. Antes dele se poderia citar a derrubada dos ídolos de Bacon, mas ficaria muito cansativo. Depois dele, e na sua esteira, Maurice Merleau-Ponty escreveu: “A filosofia contemporânea não consiste em encadear conceitos, mas de descrever a mistura da consciência com o mundo, seu engajamento no corpo, sua coexistência com os outros”.³⁸⁰ Estas referências são suficientes como introdução para situar um aspecto da fenomenologia.

Portanto, aqui, não é possível apresentar um tratado de fenomenologia, muito mesmo adotar todos os procedimentos metodológicos husserlianos, mas apenas lembrar as funções metodológicas das reduções ou, para os mais exigentes, epoches. Ainda, dos três níveis de reduções, é suficiente, para o momento, adotar apenas o primeiro nível, o da redução fenomenológica³⁸¹. Pela redução fenomenológica, Husserl propunha a suspensão das atitudes, crenças, teorias, e colocar em suspenso o conhecimento das coisas do mundo exterior a fim de a pessoa concentrar-se exclusivamente na experiência em foco, porque esta é a realidade para ela. E a realidade em foco, aqui, é a educação física.

A redução fenomenológica será assumida como o primeiro passo para encontrar a posição de

³⁷⁹ É bom lembrar que Theos é a raiz de teodicéia e de teoria.

³⁸⁰ Merleau-Ponty, Maurice. *Sens et Non-Sens*. P. 105.

³⁸¹ Os outros dois níveis, ou tipo, são a redução eidética e a redução transcendental.

inventor. É por este caminho que esta fala filosofante pretende avançar, não para anunciar invenções ou receitas de inventar, nem para traçar o perfil do inventor, mas como provocação aos que se arriscam na aventura de procurar possíveis posições de inventar em educação física. Fica claro, não se cogita propor inventar a educação física, como se ela fosse a verdadeira.

A redução fenomenológica, como foi visto, começa pela suspensão das atitudes, crenças, teorias, e continua colocando em suspenso o conhecimento das coisas do mundo exterior a fim de que a pessoa se concentre exclusivamente na experiência em foco.

A tarefa inicial, para quem pretende dedicar-se à aventura de inventar em educação física, consiste em suspender tudo aquilo que o vincula à educação física. Em palavras mais diretas, ele precisa imaginar que nada sabe de educação física. Com esta atitude teria condições para buscar os elementos fundantes de possíveis estatutos de educações físicas. A começar pelo conceito de educação física.

Uma simples leitura dos discursos sobre educação física sugere a idéia de um conceito homogêneo. Certamente trata-se de uma compreensão, no mínimo, precipitada. Não há nenhum equívoco em aplicar-lhe as palavras de Francisco Varela referidas às ciências: "... as ciências cognitivas pareceram-se ser um mosaico de perspectivas mais ou menos compatíveis, e não um domínio homogêneo".³⁸² A situação fica ainda mais frágil se a educação física for entendida como uma prática social.

Neste sentido não se trata de colocar em suspensão um conceito abstrato de educação física, mas uma série de práticas de educação física, desenvolvidas pela história humana, que nos levam a falar em educações físicas, possível de serem identificadas pelas classificações de manuais escolares.

O importante é acentuar o fato de que cada uma dessas educações físicas possui seu ato de fundação. É óbvio, o primeiro ato fundador se inspirou na compreensão teórica de ser humano, expressa num conceito dualista. O homem é composto de dois elementos: corpo e mente. O corpo passou a ser o objeto da educação física como uma instância autônoma ao processo da educação intelectual.

A partir do ato de fundação da educação física na compreensão dualista de ser humano, cada sociedade passou a desenhar uma educação física segundo os valores do seu sistema sociocultural e do seu projeto educacional. Como a antropologia dualista predominou nas culturas ocidentais, tendo o corpo como um elemento serviçal, a educação física esteve sempre a serviço de projetos externos ao corpo. Para entender essa dependência é fácil. Basta acompanhar as adjetivações da educação física. As classificações adjetivadas, embora, sejam um tanto teóricas, como nos adverte o prof. Jürgen Dieckert, elas nos revelam o seu ato de fundação limitante aos objetivos daquele momento. Ainda que a sua relação seja ampla, diversa e divergente, alguns exemplos podem colaborar no exercício da redução fenomenológica. Neste sentido vejamos alguns exemplos: educação física higienista, eugenista, militarista, esportivista, escola novista, etc.

A descrição deste cenário tem como objetivo apontar aquilo que precisa ser colocado em suspensão para seguir, não no exercício das outras reduções, mas no caminho da busca de posições de inventar em educação física através de outros olhares.

POSIÇÕES DE INVENTAR EM EDUCAÇÃO FÍSICA

O primeiro ponto do mirante não é escolha, é imposição. O ser humano é o ato de fundação

³⁸² Varela, Francisco. Op. Cit. P. 12.

mais próximo. Falar em educação, de qualquer ordem, significa falar da espécie humana. O grande desafio está em decifrar a identidade humana. As antropologias ocidentais, desde os gregos, foram dominadas pela visão dualista que correspondia perfeitamente ao seu projeto sociocultural. Para se pensar em inventar em educação física, seguindo o objetivo desta fala filosofante, além de ultrapassar os dualismos, é preciso mudar de atitude diante do ser humano. Esse esforço de ir além do estabelecido pode alcançar êxito se, em lugar de falar sobre o homem, deixa que o ser humano fale.

-Paradigma da complexidade

Alguns pontos nesta direção podem ser lembrados. Primeiramente a idéia de paradigma da complexidade que impede a simplificação da realidade humana. Os seres vivos, todos, são sistemas indivisíveis. Eles serão sempre um todo em qualquer parte e situação. E assim devem ser compreendidos. A raiz dessa mudança pode ser percebida desde a teoria do evolucionismo.

- Ser humano

O ser humano é um ser vivente se desenvolvendo em sua existência. O que a biologia clássica não aceitava. A compreensão do ser vivente como um sistema autoreferido ilumina os novos passos. O biólogo chileno, Humberto Maturana, um dos mestres da autopoiese, trouxe valiosos subsídios para resignificar a antropologia.³⁸³ A sua dinâmica é interna e autocriadora. As neurociências avançam sempre mais nesta direção. Atualmente fica difícil retornar ao dualismo. Sua preservação é mais por praticidade, para não falar em outros interesses, do que por fidelidade científica.

A aceitação destas idéias, em princípio, não ofereceria resistência, pelo menos, no campo teórico. As dificuldades podem ser múltiplas e obrigariam a uma longa digressão. Inviável neste momento. O aspecto que interessa, aqui, é de linguagem. Qual seria a palavra mais adequada para designar o ser vivo humano como totalidade? A leitura de vários autores, talvez, a maioria, mostra que a preferência recai sobre o conceito *corpo* ou *corporeidade*.

- Corpo

Adotar o termo *corpo* é um recurso devido à carência linguageira do português. A língua alemã tem mais recursos enquanto faz uma distinção entre *Körper* e *Leib*. Por isso, em primeiro lugar, o conceito *corpo* deve designar a totalidade do ser humano, e não a parte física ou biológica como foi incluído no discurso da educação física até hoje. O termo *corpo* teria o significado de organismo vivo. E, como organismo vivo, o *corpo* passa a abranger a totalidade das manifestações do ser humano. Assim, pensar é uma manifestação corporal quanto o são os movimentos, os sentimentos, o amor, a respiração, os instintos, enfim todo agir humano. Neste sentido pode-se afirmar que o modo de ser do ser humano é de ser corporal. Simplesmente, o ser humano é *corpo* ou o *corpo* é o ser humano. “Eu sou *corpo*” é, segundo Maurice Merleau-Ponty,³⁸⁴ a expressão correta para estabelecer a relação eu/*corpo*, e não eu tenho *corpo*. No primeiro caso há uma fusão entre eu e *corpo*, uma identidade absoluta no viver. No segundo caso se estabelece uma relação de distinção, de distanciamento, fundamental para pensar em apropriação e uso instrumental. O eu assume o papel de soberano sobre o *corpo*, reduzindo-o a serviçal.

³⁸³ Maturana, Humberto. De Máquinas e Seres Vivos: Autopoiese – a Organização do Vivo. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

³⁸⁴ Merleau-Ponty. *Phénoménologie de la Perception*. Paris, Galimard, 1945.

- Vida

Os itens, acima expostos, encontram unidade na dinâmica da vida. Desta forma a vida é, indubitavelmente, o ato de fundação primordial para inventar em educação física. A questão complicadora está na possibilidade ou impossibilidade de dizer o que é a vida. “Na realidade o conteúdo especulativo do conceito de vida, tanto em Dilthey como em Husserl, fica sem ser desenvolvido”.³⁸⁵ Certamente ela não é uma entidade isolada, um fenômeno abstrato, mas um fato concreto, presente nos seres vivos. As ciências criaram modelos de interpretação das manifestações da vida nos seres vivos, não necessariamente reproduzem a sua organização, melhor dito, a sua autoorganização, mas apenas formas de aproximação mais ou menos invasivas.. Resumidamente, sem a intenção de definir o que é a vida, mas apenas para oferecer uma referência, adota-se a compreensão de que os seres vivos, inclusive os humanos, são sistemas determinados na estrutura, o que significa dizer que o seu agir se dá a partir de si mesmos. Cada um é dotado de um processo autocriativo original.

A relação entre ciências e seres vivos oferece um vasto espaço de controvérsias. Um ponto parece gozar de consenso unânime, as lógicas matemáticas e racionais não conseguem abranger a totalidade do ser vivo. Gadamer expressou com muita clareza essa dissonância entre conhecimento objetivo e vida ao afirmar que “o vivo não é algo a que se possa alcançar de fora e contemplá-lo na sua vitalidade. A única maneira pela qual se pode conceber a vitalidade é dar-se conta dela”.³⁸⁶ E isto, acrescenta ele, acontece porque “a vida faz sua própria exegese: ela mesma possui uma estrutura hermenêutica”.³⁸⁷

A redução fenomenológica propõe ouvir a vitalidade existente em cada organização viva. A vitalidade, isto é, a porção de vida presente no ser humano não é apenas uma estrutura vital funcional, mas é, também, um código de mensagens. Todo processo de desenvolvimento do ser vivo está codificado em seu DNA. O ser vivo é um sistema comunicacional que se manifesta interna e externamente. Galileu descobriu que o universo é um livro a ser lido. Foi uma grande invenção. O ponto questionável, por cochilo dele ou dos seus leitores, está no modelo hermenêutico proposto, matemático e geométrico. A vida tem outro discurso e exige outra metodologia interpretativa, a da audição. Diante disto, ainda que os cientistas desprezem, nada melhor do que apelar para outras formas de relacionamento com a linguagem dos seres vivos. A parábola, ouvindo o inaudível, pode ser um bom exemplo. Em tempos remotos, o príncipe T’Ai, herdeiro do trono, foi enviado pelo pai a estudar no templo do grande mestre Pan Ku. Este o mandou ouvir os sons da floresta. Assim que os tivesse identificado, deveria voltar e descrevê-los. O sucesso foi parcial. Teve que voltar à floresta outras vezes até que, ao voltar, disse: mestre, consegui ouvir o inaudível”³⁸⁸. A sua formação estava completa.

Na leitura do discurso do corpo há um dado fundamental, o autor e o leitor, ou o falante e ouvinte são o mesmo. A distinção é artificial. No ser vivo a fala e a escuta são operadas pela mesma vitalidade. Neste cenário, diz Gadamer, “compreender é compreender-se”³⁸⁹. Fenômeno perfeitamente compreensível quando se observa os comandos cerebrais na relação emissor/receptor.

³⁸⁵ Gadamer, Hans-Georg. Verdade e Método – Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998. p. 380.

³⁸⁶ Gadamer, op. Cit. P.383.

³⁸⁷ Gadamer apud Ricoeur, Paul. Interpretação e Ideologia. Rio de Janeiro. F. Alves. 1977. p. 28.

³⁸⁸ Rangel. Alexandre. As Mais Belas Parábolas de Todos os Tempos. Vol. I. Belo Horizonte: Ed. Leitura. 2002. p. 233-4.

³⁸⁹ Gadamer. Op. Cit. P. 394.

GESTOS INVENTIVOS

Por fim, não há conclusão, apenas um convite para ocupar posições, aquelas já apontadas e outras a descobrir, e começar a observar ou ouvir. Para que isso aconteça, talvez, seja necessário reciclar a nossa alfabetização corporal que consiste em ler, para além da cientificidade, o livro que cada um é. O seu alfabeto é composto de necessidades, de potencialidades, de limites, de satisfações, de dores, de sentimentos, de desejos, de emoções, de gestos, de silêncio, de ritmos, de sons, de instintos, de libido, de posturas, de movimentos, de olhares, de carinho, enfim, de todas as suas manifestações.

A nossa racionalidade esqueceu, que o corpo é extremamente falante, aliás é ele que fala, mesmo quando a linguagem usada é da razão, o seu timbre, a sua entonação, a sua vibração emprestam ao discurso dimensões extraverbais. Por fim é preciso reconhecer que de tanto falar do lado de fora do corpo, nos esquecemos que a razão é uma função da vitalidade corporal..

Encontradas as posições de inventar não significa que tudo esteja resolvido. É só o primeiro passo. Nada está, ainda, definido. As invenções dependem dos objetivos a propor e da maneira de alcança-los.

Os objetivos podem seguir duas direções. Uma coloca a vitalidade corporal como autoreferência. Neste sentido se assume o compromisso de desenvolver, por um lado, todas as possibilidades vitais presentes, por outro lado, de respeitar os limites sem nunca querer ir além deles³⁹⁰. A vitalidade corporal é a referência única para o ponto de partida e o ponto de chegada. Tudo dela deva partir e a ela deve voltar. Ela é a beneficiária primeira das atividades de educação física, por ela inspiradas. O lema é: “o direito de viver e de viver dignamente”.

A outra direção coloca o objetivo nos resultados. Os benefícios da vitalidade corporal estão nos índices de sua performance. Desenvolver as potencialidades vitais é apenas o começo. O que importa é superar os limites³⁹¹. O objetivo final dos exercícios físicos está colocado fora do corpo, no resultado. A perfeição do corpo é a performance.

Neste segundo caso, a maneira de alcançar o objetivo pode, até, partir da vitalidade corporal, mas quer estender suas potencialidades até o extremo, mesmo que, para tanto, precise valer-se de recursos artificiais e, com isso, provocar-lhe danos. O programa, desenhado para atingir o índice de rendimento, está em primeiro plano, ao qual a vitalidade corporal é submetida. Exemplo, as dietas alimentares em função do rendimento.

No primeiro caso. A vitalidade vai sugerindo como agir e aonde se pode ir e chegar. Para isso é preciso manter a atenção constante para perceber o “momento decisivo” em que a “fala” corporal revela as mensagens de sua estrutura. Desta maneira os gestos de intervenção precisam ser traçados a cada momento. Eles devem respeitar a lógica da vida. E a lógica da vida está mais próxima da lógica da ludicidade do que das lógicas racionais³⁹².

³⁹⁰ Correio On-Line: “Com a mesma lesão Nadal não queria mais ‘ultrapassar limites’ abandonou a partida conta Murray, no Aberto da Austrália, e ponderou: ‘Eu não sabia se, caso continuasse jogando, pudesse piorar alguma coisa. Então eu disse a mim mesmo para não repetir o mesmo erro do ano passado; eu vou ao limite, mas não o cruzo mais’”.

³⁹¹ O lema do atletismo “mais rápido, mais alto e mais forte” (“*citius, altius, fortius*”), representado pela trilogia correr, pular e arremessar, foi criado pelo Padre Dére Didon em 1896, mas surgiu bem anteriormente, por volta de 776 a.C. entre os jovens soldados gregos, para desenvolver as habilidades físicas e criar competições. Hoje se tornou um lema de superação de limites.

³⁹² Fink, Eugen. *Soiel als Weltsymbol*. Trad. Fr. *Le Jeu comme Symbole du Monde*. Paris. Ed. Minuit, 1966. A tese central do livro poderia ser: “O jogo (brinquedo) humano tem uma raiz cósmica, por que o mundo evoluiu ludicamente, e, se foi criado, a criação foi uma ação lúdica”.

Fica claro as intervenções externas consistem em atender as necessidades vitais. Nunca uma manipulação. As dietas alimentares fazem parte deste atendimento.

Para encerrar esta fala filosofante, uma opinião. Os educadores em educação física seriam aqueles que, respeitando o corpo, promovem a cultura da vida. Os professores em educação física seriam aqueles que, usando o corpo, promovem índices de rendimento. Recorrendo à simbologia arbórea de Rubem Alves, os primeiros seriam jatobás, os segundos, eucaliptos. Como o responsável desta fala não se sente representado, prefere identificar-se com a aroeira para provocar urticárias nos donos da verdade, da cientificidade de suas avaliações, dos critérios de números de citações, de tabelas ou de estatísticas e da quantificação de páginas emolduradas por centímetros.

A última palavra fica para Maurice Merleau-Ponty: “O herói dos contemporâneos, não é Lúcifer, também não é Prometeu, é o homem”³⁹³

Silvino Santin

Santa Maria, 20 de fevereiro de 2010.

³⁹³ Merleau-Ponty, Maurice. *Sens et Non-Sens*. Paris: Ed. Nagel, 1966. p.331.